

O corpo que dança

Laura FONTANA BOHN

Orientadora: Vanessa Pedro

Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso levanta o tema sobre a relação do corpo com a dança. Através de entrevistas, as convidadas falam as experiências que passaram em escolas e estúdios de dança. Elas explicam como foram afetadas e como se comportaram diante de padrões impostos nesses lugares aos seus corpos. A proposta é mostrar como funciona o ambiente dança e contar as histórias, escolhas, trajetórias e reflexões das quatro entrevistadas, que iniciaram sua relação com a dança em Florianópolis.

PALAVRAS-CHAVE: dança, arte, frustração, corpo, jornalismo, documentário.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho era um documentário sobre os prazeres e as dificuldades de bailarinas que atuam na dança. Um dos pontos do audiovisual é discutir sobre a relação do corpo e a dança, e o impacto da dança na vida das bailarinas. A ênfase é o cenário da dança em Florianópolis, mas também foi entrevistada uma bailarina que hoje atua em outro estado.

A escolha do tema surgiu de uma reflexão pessoal e da proximidade da autora com o universo da dança. A ideia foi mostrar a dança do ponto de vista das bailarinas e contar, através de entrevistas, as histórias delas, mostrando o lado disciplinado da dança, mas também o frustrante, as dores e os sacrifícios exigidos do corpo que dança. Um dos assuntos do projeto mostra que o corpo pode modificar por conta da dança e discutir até que ponto essas mudanças são necessárias ou parte de um padrão estético e de beleza. Trouxe a discussão do corpo de bailarina e até onde elas vão em busca de uma técnica considerada perfeita. Busquei explorar momentos de tensão como vícios, sacrifícios, problemas que o corpo pode ter, para se tornar uma bailarina melhor.

E por fim, trouxe o que faz as bailarinas continuarem na dança e conseguirem estar onde queriam chegar mesmo não tendo o corpo perfeito. Falar sobre a dança é debater sobre padrões de beleza, de estética, de comportamento, expectativas e de visão de si mesma e de futuro.

2 OBJETIVO

Produzir um documentário que relata histórias de meninas que vivenciaram o universo da dança e questionaram a relação do corpo da bailarina. Foram entrevistadas jovens que praticam há muitos anos e têm experiências com a dança, a maioria desde a infância. Foram usadas imagens de arquivo de aulas, vídeos caseiros e apresentações para contar melhor essas histórias.

3 JUSTIFICATIVA

No estado de Santa Catarina, a dança é uma arte e uma prática muito presentes por meio de várias escolas, festivais e competições de diferentes modalidades. Em Joinville, no norte do estado, todo ano ocorre o Festival de Dança de Joinville desde 1983. Bailarinos do país e até de fora vão competir, participar ou ver as apresentações durante mais de uma semana no final do mês de julho. Também fica em Joinville a única Escola do Teatro Bolshoi desde 15 de março de 2000 fora da Rússia. Para entrar na escola, os bailarinos devem passar por etapas que avaliam a técnica e o físico. Florianópolis também é uma cidade com diversas escolas de dança, instaladas em colégios regulares ou em estúdio particulares, e há diversos festivais amadores na capital. Esta presença da dança na região é uma das justificativas para a produção deste projeto. Inclusive, foi realizada uma entrevista com uma ex-aluna da Escola Bolshoi que compartilhou a experiência como estudante.

Outro motivo da escolha é também pela falta de produção sobre o tema num universo de tantas referências com a dança, especialmente reflexões sobre o ponto de vista das bailarinas e seus questionamentos sobre a área. A maior parte dos materiais audiovisuais sobre o assunto, especialmente os que são veiculados nas emissoras de TV comerciais, reduzem o tema ao Festival de Joinville ou à vida de uma bailarina padrão, ou seja, sua técnica apurada e seu corpo perfeito com a preparação física impecável. Desse modo, faltava

um olhar sobre outros lados da vida dos profissionais como as que tive contato durante alguns anos.

Segundo Bill Nichols, no livro “Introdução ao Documentário”, há dois tipos de filme: documentários de satisfação e desejos e documentário de representação social. “Cada tipo conta uma história, mas essas histórias, ou narrativas, são de espécies diferentes” (NICHOLS, 2005). Documentário de representação social, chamados de não-ficção, mostra o que vivemos, compartilhamos e se desejar mostram as verdades. Avaliado isso, o documentário foi escolhido, pois exploraram as histórias de bailarinas pelas narrativas, perspectivas e pelas interpretações delas. Além disso, todas as entrevistadas falaram diretamente com a entrevistadora, como se fosse uma conversa íntima.

Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social. (NICHOLS, 2005, p. 27)

Neste projeto, a entrevista também foi central e utilizada em três blocos: O que você esperava com a dança? /O que a dança te traz?/ O que você espera da dança? E assim como Eduardo Coutinho, foi levado em conta o que os entrevistados falaram, sem esperar que trouxessem algo impressionante ou até sensacional. A ideia foi trabalhar o audiovisual com o que foi contado e revelado pelas bailarinas e sem julgamentos de certo ou errado.

Se existe alguma “marca” no meu modo de filmar, essa marca é a revelação do próprio ato de filmagem. Eu acho inconcebível filmar sem o ato de filmagem; o ato de filmagem tem que se revelar de alguma forma. Para a maioria dos documentaristas americanos, esse procedimento é, ao contrário, um absurdo. O documentário clássico americano segue exatamente as convenções narrativas dos filmes clássicos hollywoodianos: não pode olhar para a câmera, não pode revelar o equipamento de filmagem, não pode mostrar de modo algum a intervenção do diretor, não se permite qualquer interação efetiva com a câmera ou com a equipe. (...) Em alguns documentários americanos, a câmera chega a funcionar como um instrumento de humilhação. (Coutinho, 2003 p.223)

Pela aproximação com a dança, vi que no meio de expectativas e realizações, havia frustrações, mas não desistências quando não conseguia êxito, seja em um salto, uma pirueta ou um passo que não decorava. Observei que o físico das bailarinas também entrava em discussão, mesmo que de forma silenciosa. O tema escolhido é para explorar mais do que apenas a disciplina e a delicadeza das bailarinas. Não é uma crítica à dança, propriamente,

mas uma forma de mostrar os diversos aspectos de uma área que pode ser uma profissão, uma atividade ou um hobby e que é praticada por diferentes corpos e com diversas expectativas.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

O documentário foi montado com depoimentos de bailarinas que compartilharam as experiências e sobre a relação com o próprio corpo. Assim, através das falas das jovens, as pessoas que não têm contato com a dança podem entender um pouco mais como funciona essa arte. Além disso, levantar a questão dos estereótipos e padrões na dança.

As entrevistas foram feitas via a plataforma *Zoom*, cada um na sua casa, e assim, não colocando ninguém em perigo ou exposição em razão do período de realização das entrevistas ter coincido com o tempo que estamos reclusos, e sem aulas presenciais, em função da pandemia do novo coronavírus. O primeiro contato foi feito pelo *Instagram* e marcadas as videochamadas.

Nesse audiovisual a ideia foi trabalhar com o que foi contado e revelado pelas bailarinas e sem julgamentos de certo ou errado, utilizando os próprios depoimentos delas. Desse modo, foi observado o que cada uma das entrevistadas disse, de forma particular as opiniões e experiências dentro da dança. Um exemplo foi a entrevistada Hanna, mesmo não a conhecendo pessoalmente, ela foi aberta ao falar sobre sua vivência na Escola Bolshoi em Joinville, acredito que se fosse através de câmeras, talvez ela não fosse acessível.

Por fim, o material após aprovação será postado no canal pessoal do *Youtube* da acadêmica.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O documentário passou por mudanças durante a produção. A proposta era fazer um audiovisual com entrevistas e com muitas imagens de coberturas que seriam filmadas durante o processo de produção. Toda a parte de locação de entrevistas seria planejada em estúdio ou em locais abertos pela cidade de Florianópolis e com mais de uma câmera. Infelizmente, com a chegada da Covid-19, foram necessárias mudanças para darmos continuidade ao trabalho. E, por conta disso, a captação das entrevistas foi transferida para o virtual através da plataforma *Zoom*.

As alterações na estética do vídeo foram inevitáveis, porém não ocorreram perdas. Não foi uma escolha pessoal da acadêmica, mas aos poucos foram criadas novas possibilidades e uma nova versão do vídeo. O audiovisual teve mais intimidade com as entrevistadas, e que também não ficaram desconfortáveis, como poderia ocorrer com uma entrevista com câmeras filmadoras, por exemplo.

Sendo assim, foi feito o contato com duas das entrevistas via *Instagram*, que aceitaram em dar entrevistas. Como era uma novidade esse tipo de modalidade, a primeira entrevista com Marina foi como um teste, mas deu certo e acabou sendo usada para o trabalho. Semana seguinte, Renata foi entrevistada.

As outras bailarinas foram sugestões da Marina, já que não as conhecia pessoalmente, e isso foi um ótimo exercício de construir uma produção a partir da rede das próprias entrevistadas, o que também deu um sentido próprio a esse material. Tanto Hanna quanto Thaís foram receptivas para a proposta que ocorreu via *Instagram*.

As questões feitas foram se modificando de acordo com cada entrevistada, mas havia um roteiro finalizado com perguntas principais que eram relacionadas a temas comuns, situações que todas pudessem ter passado questões que elas pudessem ter enfrentado. Um dos temas era o questionamento sobre a existência ou não de padrões na dança. Todas responderam tranquilamente as indagações e até foram abertas para a conversa. Inclusive, era algo que havia preocupação durante a produção, já que falar sobre estereótipos poderia gerar desconforto. Outro ponto foi especificamente com a entrevistada Hanna. Houve o cuidado inicial da produção em falar sobre a escola Bolshoi, mas a professora ficou confortável com o tema.

Como uma forma de diversificar esteticamente, contar de forma mais diversa as histórias e até compensar a ausência de imagens externas produzidas para o documentário, houve sempre o pedido, por parte da produção do documentário, do envio de material de arquivo das entrevistadas. No fim de cada entrevista, as entrevistadas se comprometeram a enviar fotos e vídeos de apresentações e ensaios que elas já tinham participado. Todas me enviaram, porém gerou uma adaptação, já que inicialmente iria ser feito as imagens de cobertura que seriam filmadas, de ensaios e apresentações. Mas, no final, fez todo o sentido com o grau de intimidade, de contato com a memória e com as histórias das bailarinas que o documentário pôde ter acesso. E as imagens de arquivos contribuíram para que essas histórias e opiniões pudessem ser montadas no vídeo, talvez mais do que a ideia inicial de produzir imagens novas delas dançando.

Depois das entrevistas, havia o problema da falta do *software* para a edição. Por mais que a Unisul proporcione programas de edição, o meu computador não iria ser suficiente. Logo, a orientadora Vanessa Pedro fez o contato com a coordenadora Helena e a Unisul enviou um de seus computadores para que eu usasse na edição.

Em relação ao fio condutor, houve mudanças. Antes a ideia era usar uma das bailarinas e produzir cenas com ela. Devido à pandemia e ao isolamento social, começou a busca por como poderia ser feito mesmo não podendo gravar nenhuma das jovens pessoalmente. Nesse momento, a referência do documentário *Babás (2010)*, de Consuelo Lins, fez ainda mais sentido e, além da proximidade do tema como um ponto a ser explorado, outras referências estéticas foram utilizadas desta produção. A utilização do *off* foi uma das referências de *Babás (2010)*, possibilitando utilizar a minha voz, minha relação com o tema pesquisado e também poder ser realizado em casa. As dificuldades vieram da parte técnica dessa escolha de usar *offs*. Sem um estúdio adequado, foram gravadas várias vezes para então chegar ao resultado final. O processo era trabalhoso, primeiro foi gravado no celular, e encaminhado para o aplicativo *WhatsApp*. Em seguida salvo via computador, então copiado em um *pen drive* e aberto no computador da Unisul. E por fim, editado no programa *Audition* e em seguida no *Premiere* onde então estava o documentário. Mesmo sem a utilização de equipamentos profissionais e sem ser gravado no estúdio, o *off* foi um recurso que fez sentido para o projeto e permitiu que o audiovisual fosse produzido com qualidade estética e técnica.

Logo, como a autora já frequentou estúdios de dança, foi decidido usar as ferramentas que tinha acesso em casa, como as sapatilhas e a história de uma admiradora da arte. Com a câmera e o tripé que possuía, foram registrado conjunto de fotos e criado algumas cenas para o documentário.

A questão estética foi a mais afetada já que não havia como estar no mesmo lugar das bailarinas. Eu fazia o pedido para que elas estivessem em um lugar que representasse a nossa conversa, o tema e que tivesse uma boa iluminação. Mesmo assim, se perdeu qualidade de fotografia, já que as câmeras dos computadores não são de qualidade alta e a gravação pelo *Zoom* também não. Muitas vezes, na hora da entrevista, estava tudo indo bem porém quando era passado para o editor de gravação, notava-se uma diferença de qualidade. Isso também foi observado no áudio. Por conta disso, foi necessário regravar uma das entrevistas. Mas esteticamente fez também sentido porque a produção tornou-se um documentário que deu ênfase às histórias de vida, à reflexão e ao cotidiano, que muitas vezes é passado no quarto das bailarinas, entre sapatilhas e angústias.

Outro ponto que foi alterado foi a busca por profissionais da saúde que atuam com dança. Antes havia levantado a questão, porém, conversando sobre o tema durante a orientação, a decisão foi deixar as entrevistas apenas com as bailarinas. O resultado foi melhor porque houve uma busca de foco nas histórias delas, mas a decisão também foi de acesso em função da pandemia.

Os questionamentos sobre “o que a dança te traz? E o que ela te provoca” foram levantadas durante as entrevistas porque buscou tanto os lados positivos quanto negativos da dança. E então, foi possível explorar questões como padrões, dificuldades, prazeres e superações.

6 CONSIDERAÇÕES

De maneira geral, o projeto foi de acordo com o planejado, embora as questões estéticas e de desenvolvimento tenham se modificado muito e influenciado no resultado da produção. Para o mal e para o bem. Inicialmente restringiram os planos e poderiam ter colocado o projeto em dúvida. Mas depois os desafios se transformaram em mudanças, que acabaram fazendo bastante sentido para a história que tinha que ser contada e já sido pensado de forma intimista, pessoal e sobre memória e construção do corpo. As entrevistas ocorreram bem e não houve qualquer problema sobre o tema escolhido. As maiores dificuldades foram depender dos materiais que as entrevistadas enviaram e não poder produzir algo próprio. Foram pedidos vídeos novos, mas apenas uma enviou.

Assim como explicar os corpos das bailarinas em questão já que o material enviado não foi o suficiente para mostrar os sacrifícios e dores. Porém, a acadêmica acredita que os depoimentos foram significativos em explicar os problemas que elas já vivenciaram.

Na questão de edição, ocorreu a demora de produção dos *offs*, já que não tinha um estúdio apropriado para as gravações e havia várias etapas até chegar ao objetivo final.

As conversas com as bailarinas foram produtivas, o tema sobre sacrifícios para conseguir o corpo ideal explorado.

O documentário teve alterações devido a pandemia, porém, a finalidade de refletir sobre como há dificuldades e esforços na dança foi concretizado.

O maior desafio foi deixar o documentário dinâmico, já que não teria mais câmera para fazer transições. Por isso, a acadêmica deixou o mais focado possível, para o audiovisual não ficar monótono e cansativo.

ROTEIRO

Offs	Cenas
<p>Jazz, ballet e dança de salão, são alguns dos tipos de dança que voltaram para meu universo nos meus 16 anos.</p> <p>E logo Percebi que ao contrário de mim e mesmo elas sendo até mais novas que eu, estar ali era mais que um hobby, era uma dedicação para a vida.</p> <p>Mas na dança não basta gostar, precisa de mais, mais empenho, mais dedicação, mais dor para conseguir. E talvez algo que nenhuma de nós tínhamos: um corpo.</p>	<p>Vídeo das sapatilhas e de apresentação de dança</p>
<p>Marina já tinha feito aulas de dança, mas foi no jazz apresentado por uma amiga que descobriu uma paixão e nunca mais parou de dançar. Se mudou para São Paulo e faz teatros musicais</p>	<p>Fotos da Marina</p>
<p>Renatinha</p> <p>Começou no ballet aos quatro anos, foi para o jazz e depois para dança de Salão . Hoje faz aulas de circo e Hip hop.</p>	<p>Fotos da Renata</p>

<p>Hanna</p> <p>Depois de parar com a natação, Hanna começou o ballet em um estúdio e com o incentivo da mãe, fez o teste para o Bolshoi. Depois de formada, fez faculdade de teatro e hoje dá aula em escolas de dança.</p>	<p>Fotos da Hanna</p>
<p>Thaís começou a dançar com o hip hop, depois fez dança de salão e hoje é professora de funk.</p>	<p>Fotos da Thaís</p>
	<p>Entrevistas sobre a relação da dança com o corpo e as frustrações</p>
<p>Com o tempo a dança se torna um vício, e tudo o que eu fazia era pensando em como melhorar.</p>	<p>Fotos da Laura na dança e sequência de sapatilhas</p>
	<p>Entrevistas sobre as desistências</p>
	<p>Entrevistas sobre o amor pela dança</p>
<p>Por um bom tempo a dança foi muito importante, até eu decidir outros trilhos e outra dedicação. Mas sempre será um dos momentos mais incríveis da minha vida. E quem sabe um dia eu consiga colocar ela de volta na minha vida.</p>	

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BABÁS. Consuelo Lins. Rio de Janeiro: Consuelo Lins, 2010. 1 vídeo (20 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JTIfgGr_Y3Q . Acesso em: 14 nov. 2019.

FIGUEIRÔA, A. BEZERRA, C. FECHINE, Y. **O documentário como encontro: entrevista com o cineasta Eduardo Coutinho.** *Galáxia*. n.6, p. 213-229, 2003.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário.** Campinas: Papyrus Editora, 2005.

RESTLESS Creature: Wendy Whelan. Adam Schlesinger Linda Saffire. Nova York : Abromorama, 2016. 1 documentário (90min). Disponível: <https://www.netflix.com/br/title/80173625> . Acesso em: 17 nov. 2019.

REVISTA MOVIOLA. **Babás.** Revista Moviola. fev.2019. Disponível em: <http://www.revistamoviola.com/2019/02/18/babas/> . Acesso em: 10 nov. 2019.